

ALBORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 149

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redação e administração, Rua da República

Guimarães, 25 de Setembro de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

O QUE EU PENSO

O poder do boato

Decididamente o boato tem um poder respeitável e corre com uma velocidade espantosa, principalmente quando alguém se empenha em que êle tranzite e ganhe foros de verdade para especiais fins ocultos que só o boateiro conhece, porque só êste guarda fechado na mão o segredo de certa intenção reservada.

Há quem viva do boato e para o boato. Esta espécie de parasitismo, que a maldade alimenta, porque o boato em geral surge e é lançado em circulação com intuitos fundamentalmente maldosos, pratica-se entre nós sem o menor recato e até com impudente prazer sobretudo desde a implantação do novo regimen e para lhe dificultar a marcha, o desinvolvimento, a definitiva consolidação.

E depois o boato encontrou em certa imprensa periódica, salvas raríssimas e honrosas excepções, uma esplêndida instalação para melhor dominar e persuadir aqueles que, supondo que sabem ler e apreender, se acham mingua-dos de instrução e das necessárias faculdades perceptivas para darem justo valor ao que se lhes apresenta em sinais gráficos ou uma autêntica interpretação dos textos que caíam sob a alçada da sua apreciação.

Não há exagêro da nossa parte. A experiência, que é boa mestra, tem-nos dado lições de superior valia e é delas que dimana toda a razão do nosso asserto.

Devem-se à nefasta ousadia do boato, quasi exclusivamente, as contrariedades, os infortúnios, os sobresaltos que tem afligido nos últimos tempos a sociedade portuguesa. E a voz potente de certa imprensa, levada nas *pandas azas dos traidores ventos*, tem servido descaradamente a causa do boato fazendo chegar a toda a parte as notícias mais absurdas, a fim de conseguir que a sua indústria desperte particular interesse entre aqueles que tudo aceitam na ânsia de alimentarem o desprovido cérebro que trazem sobre os ombros. Conseqüentemente, a ignorância, a malvadez sectária, que tem diante de si um acanhado e obscuro horizon-

te, absorve satisfeita, dia a dia, êsse punhado de mirabolantes fantasias que a imprensa mercenária lhe impinge, e vai assim, posto que sem colher benéficos resultados práticos, dando relêvo, facilitando curso a monstruosas invenções extremamente prejudiciais para todos.

E' bem grande o poder do boato. E tam grande que, a despeito dos inúmeros males que tem originado, permanece de pé, firme no seu posto como impiedoso fantasma de incomensuráveis dimensões, afrontando, tresmalhando a agremiação portuguesa que precisa trabalhar pacificamente na modificação integral do seu velho aspecto, no remoçamento das sua feições que longos anos engelharam.

O boato não é qualquer gigante cuja força se afigure indominável e diante do qual os homens de regular constituição física se sintam impotentes, fracos, incapazes de com êle lutarem. Não; o boato é um fantasma, um personagem inventado por um passado tam distante que se perde nas brumosas dos tempos primitivos. Que se êle fôra um gigante, embora de aspecto rude e de tam forte compleição que parecesse invencível, necessário seria que todos se arriscassem a morrer para, defrontando-o numa luta acesa, sem tréguas, tentarem esmagar-lhe o colossal arcabouço no intuito bem louvável de inutilizarem, de o extinguirem, de o perderem.

Pois, para aniquilar os fantasmas que a imaginação popular costuma estranhamente entenebrece, para os tornar de certo o mais sinistros possível, apenas conhecemos um remédio, por sinal efficacissimo, que tem de aplicar-se sem perda de tempo ao fantasma-boato de que nos vimos ocupando.

Tal remédio é o desprezo absoluto, completo, e desprezar é esquecer, é pôr de lado, é entediarse a gente de pensar em alguém ou em alguma cousa que nos fez sofrer.

Tudo merece o boato. Dêle só nos tem vindo o mal. E se não nos deliberarmos a esquecê-lo, estrangulando-o com

“! Quem não está bem... muda-se!..”

Há uma época no calendário popular dos nossos costumes que, sempre que se aproxima, provoca alvoroços de ânimo, põe lares em desordem, sopra estendais domésticos, traz consigo uma barafunda dos diabos!

E' a época do «S. Miguel» — que se para uns é sinónimo de feirança, para o maior número é objecto de pezadelos. Sim, de pezadelos, pois o facto de se não ter na habitação outro direito que as entradas e as saídas, o mesmo é que viver sob a contingência do despejo, isto quando não se prefira passar a viver na rua, a sala dos cães, que tem o grande inconveniente de ser bastante devassada, além do telheiro do azul bastante rôto.

Imaginamos, entretanto, como deve ser desagradavel ao fóro particular duma criatura normal, o seu afastamento daquelas paredes que algum tempo o agasalharam; daqueles vizinhos solícitos que lhe davam os «bons dias»; das mil pequeninas coisas que a força de continuidade acabaram por se tornar familiares e íntimas ao seu coração e ao seu espírito. Imaginemos!..

Depois, não é só a deslocação de hábitos caseiros que êste «S. Miguel» traz consigo: a estopada tremendissima da muda, alia-se o desagradavel assoalhar do *menage*, não sendo, por isso, sem relutância e sem quistia, que se toma a deliberação de sair—de pôr escritos.

Uma casa com escritos!... Calculam, porventura, os felizes que tem cabana própria, que tormentosas ânsias representa uma casa habitada e com escritos?!

Só experimentado! só visto!

Esses quadriláteros e minúsculos papéis colados nos vidros e nas portadas, teem, como olhos magnéticos, o condão de atrair para si todo o enxame perturbante dos mal contentes e despedidos, que desde a manhã à noite percorrem todos os bairros e ruas, de nariz no ar, inquirindo e basculhando—se há casa para alugar.

E' enervante o espectáculo dessa via dolorosa em que mais sofre o pobretana—tantas vezes a percorre, sem aquela esperança, ao menos, de um dia se ver dentro do seu buraco, livre. enfim, da sanha do senhorio e da impertinência dos escritos.

!Se ao menos, pela solidariedade dos seus irmãos na desgraça, lhe fôsse dado experimentar, uma vez na vida,—um «S. Miguel» das casas baratas!

Mas não.

O dilema é êste:—«Quem não está bem, muda-se... para a rua!»

todo o desprezo de que sejamos capazes, o boato permanecerá por tempo ilimitado no seu posto, pois só pretende adular, inquietar, sublevar.

Serafim Rodrigues.

DIÁLOGO

(No campo, numa dobra de estrada, ao anoitecer. Claudio e Margarida unem-se as mãos e olham-se com enternecimento. O sol descaí, no monte langinquo, entre névoas, a semelhança dum grande botão de rosa! Ouvem-se o chocalho dum rebanho, a distância. No céu pálido, estremeçando, surgem as primeiras estrelas).

Claudio

O' Guida, porque é, quando o angelus soa, que a tua voz é mais aveludada e boa?!

Margarida

E porque é, se o éco embala a aldeia em roda, que não olhas para mim, e eu sei que me vês toda?!

Claudio

Vejo-te dentro d'alma!

Margarida

Assim, de olhos no chão; triste e a pensar assim. E sonho!... Sei que és meu; e que ainda o serás mais em sossegando, um dia...

Claudio

E eu bem dentro de mim!

Em me ouvindo teus pais!...

Margarida

Ou o querendo tu.

Claudio

Ou tu.

Margarida (com meiguice)

Só tu, apenas!

Claudio

Que lindas, estas mãos!

Margarida

São como as açucenas:

lindas, mas frias, como vês!...

Claudio

Frias, agora!...

Frio aquilo que eu amo e beijo de hora a hora!

Margarida

Frias da minha sorte...

Claudio

Ou do quanto pensamos!...

Dantes, quando, a correr, alegres como os gamos, nos víamos no monte, a ocultar de todos, com essa linda cor, mas viva de outros modos, Guida, eras talvez mais forte e mais feliz. Crescemos. E's mulher. E o meu destino quis que eu fôsse pobre e só, de tantos bens que eu tinha... Posso pois lá sonhar que venhas a ser minha!...

Margarida (sorrindo)

E tu serás só meu?

Claudio

De mais ninguém!

Margarida (em êxtasis, silenciosa)

Só meu!

O' mistério da Noite! O' meu jardim do Céu! O' Cruzeiro do Sul! O' nenúfar da Lua! —quando um dia, em seu leito, honestamente nua, o seio verde, a bôca ardente, as mãos de prata, sentir que a sua mão, nervosa, me desata o cabelo sombrio, em inquieta luta, que terei que pedir ao céu que hoje me escuta, que terei que rogar aos astros, em verdade, se eu própria temerei tanta felicidade!

Claudio (triste)

Em que sonhas?...

Margarida (tomando-lhe as mãos)

Contigo!

Claudio

Em te apartares de mim?...

Margarida

Louco!

A LIBERDADE

Liberdade!... Ora aqui está uma palavra dum grande, dum enorme poder de sugestão—como maior eu não conheço.

Afora o abuso que a precede à sombra do seu prestígio, ela é o clarim sonoro de todas as tribunas, a aspiração maior de todas as consciências em marcha.

Só pela palavra? Não, decerto. Uma palavra pode ser muito rítmica e musical, mas só canta ao ouvido quando o espírito da Verdade e da Beleza palpita em si.

—Mas que coisa é a Liberdade?

Verbo de luz, ideal preconcebido e transcendente, lhe chamam os poetas...

Pão santificado, pão de resgate, lhe chamam as multidões sofredoras...

Por mim, apenas direi:—Grande coisa é a Liberdade!

Ou não fosse a Liberdade um sentimento que como um astro norteia a vida.

A sua trajetória vai do supremo sacrifício à suprema felicidade. E' a luta eterna.

Jámais sobre a terra alguém dominará a sua força portentosa, alguém deterá a sua marcha ascensional. Jámais!

E' que a Liberdade é incomensurável como o pensamento, é insofismável como a natureza.

Os seus destinos são os da Humanidade. Habita no coração do Universo. Como a Humanidade, a Liberdade tem as suas leis—que são de Paz e são de Amor, que são de Ordem e são de Progresso.

Apreciada como aspiração de conquista, a Liberdade não pode, todavia, sair dos domínios do relativo. Mais ainda: para que a si própria se não negue, tem de ser regulamentada.

Afronta, bem sei, que a Liberdade—essa argila de sol porque suspiram as almas em ânsia de resgate e de justiça—tenha de ser fiscalizada. Bem sei. Mas enquanto o mundo não suprima, pela bondade, as tutelas-leis, as tutelas-governos; enquanto a criatura humana não se oriente por actos reflexos e proporcionados, que são aqueles actos que se acomodam aos limites do razoável e do justo—a Liberdade não tocará o seu zenit, senão pelo infinito ideal, onde adejam, como águias, os sonhos altos da ventura e da alegria que é toda a harmonia orquestral do pensamento humano...

O uso da Liberdade constitui um direito, e direito sagrado, é certo: mas quem finge ignorar que quanto maior é o uso que fazemos da Liberdade maior é, também, como um dever, a responsabilidade do seu uso?!

No comum, a ideia que se faz da Liberdade anda fora dum senso crítico superior. Basta ver a ousança com que se pede respeito para toda a maneira de pensar e de agir—como se o Mal não fosse uma coisa abominável e digna de toda a guerra!

Não senhores: se a Liberdade tem como irmãs gémeas a Igualdade e a Fraternidade, nem por isso sucede que não se deva, em serviço e em nome da mesma Liberdade, obstar aos triunfos do

Erro e da Mentira—j ainda que para isso, note-se, seja necessário empregar meios extremos! Os excessos de liberdade curam-se pelo amor à mesma Liberdade.

E que esta máxima nunca esqueça:—a liberdade de cada um vai até onde a do seu semelhante principia. A sua baliza chama-se—Razão. Não a queiramos ultrapassar, se verdadeiramente prestamos culto à Liberdade. O homem vale infinitamente menos que a Sociedade.

Ter-se há compreendido isto suficientemente? Não. O homem, obedecendo à sua origem animal, é, em regra, um estômago dilatado: é um egoísta, que só a custo cede primazias ao coração e ao cérebro das élites. Numa palavra: mede o alcance da Liberdade olhando para dentro de si. Daí a concepção funesta no exercício da Liberdade; daí o entronamento dos tiranos e dos déspotas...

Ah! mas a reacção religiosa, a reacção política e a reacção económica, em vão teem vindo, pelos séculos fora, tallhando moldes estacionários à Liberdade. Ela, como virtude imanente e imortal que é, tem trilhado calvários de Dôr, é certo; porém, qual Fenix rediviva, é sempre o seu facho quem guia, quem norteia, quem dá ao mundo novos horizontes. Que o diga a fria escuridão dos cárceres, a nudez estática das guilhotinas... Que o diga a História!

O seu evangelho é— a Proclamação dos Direitos do Homem. Escrito, embora, com lágrimas de sangue em páginas de bronze, repararemos que uma rajada de mil auroras lhe sublimisa o sacrifício.

O martirólogo da Liberdade é a garantia do seu triunfo. O Futuro pertence-lhe.

Entretanto, como melhor preito de homenagem aos seus santos e aos seus heróis, trabalhemos por aumentar-lhe o património já grande, o seu domínio já vasto, mas ainda imensamente distante da terra abençoada da Promissão.

Façamos a aprendizagem da Liberdade por uma tolerância sem abdições, por uma prudência sem cobardias, substituindo os erros e os abusos de liberdade, pelo sentimento ingénito e puro da Liberdade.

Lembre-mos que para que hoje gozemos alguns dos seus bons e doirados frutos, muitas gerações se bateram e morreram por ela.

Defendámo-la dos seus irreconciliáveis inimigos, tendo em vista, especialmente, aqueles que a evocam para melhor a ferirem e atraioarem.

E, como canto de heroísmo e de grandeza heroica, digamos, recordando os versos de Elmano:

Vem, oh deusa imortal, vem maravilha,
Vem, oh consolação da humanidade,
Cujo semblante mais que os astros brilha!

A' beira-mar.

A. L. de Carvalho.

(Publicado no "Comércio da Póvoa de Varzim".)

Pois seja: mas com mais razão,
Ramalho dirá:—que ainda é pela dança que nos mostramos dignos descendentes do macaco.

A ERUTA DOS SUPLÍCIOS

DRAMA

1.000 metros—2 actos

A Creche

Consola ver patinando, brincando, felizes e contentes, sobre as areias da beira-mar, as criancinhas da Creche da nossa terra. Elas lá andam guiadas com carinho, cantando, chilreando, beijadas pela brisa, que dá saúde... e cobertas pela simpatia de quem, tendo coração, olham nelas os benéficos efeitos duma obra humaníssima e grande a que podemos chamar—socialismo cristão.

¡Abençoados os que amparam essa querida instituição de benevolência social!

¡Abençoados quantos se lembram das criancinhas pobres!

Transcrevendo-nos

O Povo do Norte, de Vila Real, e a Alvorada, dos Arcos de Val de Vez, transcreveram o nosso eco—«Os Municípios».

—Também o nosso colega de Braga, O Imparcial, publicou do nosso jornal o artigo «Além do espectro solar».

E-nos grato o acordo de vista de tam distintos colegas.

Buscar lá...

O nobre titular, sr. conde de Lagoaça, enterrando uma carapuça, reptara a «Luta», a que lhe provasse, (se era capaz) de como ele recebera da monarquia dinheiros ilegais... a não ser, rematava s. ex.ª, «que isto agora fosse outra coisa».

—Que era outra coisa, sim senhor, respondeu inteligentemente a Luta, publicando em zincogravura, a própria carta do nobre titular onde pedia a um ministro do regimen passado que lhe pagasse, entre outras coisas, uma conta num hotel!

Aprenda o sr. de Lagoaça a não coachar na República como nas lagoas da Monarquia, onde as águas eram, ao contrário de agora, menos límpidas...

Recordando

Faz hoje 6 anos que um grupo de republicanos, nesta terra de Guimarães, levantou ao lado dum centro político uma escola nocturna de ensino grátis.

O manifesto que então veio a público e que tem a data de 25 de Setembro de 1907, rematava por este incitamento:

«No intuito de animar esta nossa obra de amor cívico, são creados 2 prémios de 2.000 réis cada um, que serão distribuídos aos que, com justiça, deles se tornem merecedores».

E esse núcleo de modestos cidadãos que assim patenteavam o seu amor à República, em pleno consulado franquista e no seu foco mais intenso, eram então achincalhados—«de meia dúzia de garotos».

¡Pois essas linguas de vibora... são aquelas que nos adulam hoje!»

Fazendo arte

Liberta, enfim, a igreja, torre e padrão da Oliveira dessas grades, sem história e sem época, que desastrosamente a circuitavam, em parte,—quem não deixará de reconhecer as vantagens dessa obra, em boa hora inspirada à Câmara?

Já veem os senhores que o armário do padrão, o corchoeu da torre e agora as grades,—uma vez condenadas a sair, nenhuma vontade inteligente se oporia a isso.

Rematando, fiquem-se com esta certos criticos por ai à solta:—«¡Sapateiros não passem além da bota!»

Claudio (mais triste)

Em te apartares... E' um destino!... E, enfim, a culpa é minha, só. Ou minha, não, que eu sou apenas o que o meu destino me ordenou!...

Margarida

E tu serás só meu?!

Claudio

O meu desejo é esse!

Margarida

Claudio, e sendo assim, se agora te esquecesse, não amarias outra?

Claudio (apreensivo)

Eu sei!... E' um alto muro,

em frente da noss'alma, a imagem do futuro!...

Posso eu jurar, acaso, a quem me escuta agora, o que amanhã farei, ou daqui a uma hora?!

—o que faria, a rir, amando face a face, pela mão do destino, o que éle me ordenasse?

Tudo faria, sim!... Mas mais tarde, ao lembrar, num deserto da serra ou das ribas do mar, o perdido, o sagrado, o imenso amor que eu tinha, que infinita saudade, então, seria a minha!...

Margarida (feliz)

E' meu, eternamente!...

Claudio (com os olhos cheios de água)

Eternamente!

Margarida

Escuta.

E' um ingénuo engano a tua ardente luta.

Quando há pouco pensava, Cláudio, e erguia aos céus os meus olhos de amor, para que os visse Deus,

pedia-lhe, por nós, suspensa, suplicante, que não prendesse mais em suas mãos o instante da nossa boda ideal, porque eu anseio tanto.

Não sei se Deus me ouviu, mas deu-me já o encanto de ouvir da tua boca, ó nobre e belo amigo,

a promessa lial de partilhar contigo, um dia, cedo ou tarde, apertada ao teu peito,

da ventura de amor que houver no mesmo leito!

Por mim não sei dizer-te o bem que agora sinto, mas, se me queres ouvir—não sonho, nem te minto,

jurando que esta hora, a primeira vivida, é a mais bela, amor, de toda a minha vida!

Claudio

Cantam os raios, já!...

Margarida (enxugando os olhos)

Vai ser noite!...

Claudio (fitando as estrelas)

E' um momento!...

Margarida

Quanta estrela, meu Deus, em todo o firmamento!...

Quanta ilusão de amor em que elas nos embalam!...

Claudio

E o mistério que teem!...

Margarida

E as falas que elas falam!...

Claudio

Olha a sombra, no vale, que ternura discreta!...

E lá ao alto, só, vestida de violeta,

a encosta onde o sol deixou, com majestade, depois de um beijo ardente, as nódoas da saúde!...

Margarida (ouvindo um sino, a distancia)

O angelus, Claudio!

Claudio (atento)

Tu não ouves gritar?!

Margarida (beijando-o, assustada)

Ai, é a minha mãe, que me está a chamar!

(Desaparece, correndo. Claudio fica a olhar-lhe, da dobra do caminho. Sobre a montanha, ao oriente, faz-se a ascensão da lua!)

Alfredo Guimarães.

ECOS

Congresso regional

Na cidade de Braga, sede do distrito, já uma comissão está nomeada para elaborar o programa dum congresso regional. Tem o concelho de Guimarães justos motivos para não faltar a essa grande reunião—ou não fosse esta terra a maior colmeia do Minho.

Quanto à acção destes congressos, já aqui o dissemos:—é necessário que, afora a objectiva das teorias e aspirações, alguma coisa de práctico se produza e vinque.

Assim sucederá, cremos.

Justo acordo

Vem a imprensa republicana reconhecendo a conveniência de se dar à publicidade os documentos e mais provas demonstrativas de quanto foi a Monarquia dos últimos anos um regimen salteado por «verdadeiras quadrilhas de ladrões»—como escreveu Dias Ferreira.

Sabe-o bem o país, mas nunca é demais recordar-lho.

Se tudo na vida passa!...

05 de Outubro em Guimarães

Reuniram no edificio dos Paços do Concelho, com a assistência da comissão municipal administrativa, as comissões paroquiais e políticas desta cidade, para tratar das festas de 5 de Outubro, comemorativas do terceiro aniversário da República.

Depois de discutido o assunto, foi resolvido nomear uma comissão de meios para custeio das despesas a fazer-se com as referidas festas, ficando assim constituída: José Rodrigues Leite da Silva, José Ladeira Guimarães, Agostinho Fernandes Rocha, Joaquim Cardoso Guimarães e António Barbosa de Abreu Guimarães.

Para se tratar de elaborar o programa, haverá sábado nova reunião.

Mais forte que Sherlock Holmes

Mas e perito utilizará também a maior ou menor opacidade dos corpos em presença dos raios X. Temos aqui uma barra de metal, cuja liga conhecemos. Ao lado desta espécie colocamos uma medalha ou moeda que pertença ao mesmo tipo. Sendo a espessura a mesma, a sombra no *ecran* deve ser a mesma. Se a da peça é menos nítida, é que a sua opacidade é menor, a liga inferior, menor o valor.

Vejam a acção policial. Sob a forma ligeira duma espécie de binóculo portátil, o polícia serve-se do *ecran* radioscópico para inspecionar as bagagens na alfandega ou a máquina suspeita que levaram ao commissariado. Tudo o que passa entre o tubo Crookes e o fiscal é imediatamente verificado, analisado: o cabo submarino que, sob uma quintupla camada de guta, deve conter um fio metálico regular e não partido; as farinhas, o café, o chá e mil produtos falsificáveis, em que a fraude é depressa encontrada; os próprios líquidos, cuja transparência varia com a pureza.

Os doentes saram

Os misteriosos raios não servem apenas para achar as feridas e chagas secretas; contribuem para as curar. As curas pela «radioterapia» multiplicam-se. Modificada por aparelhos especiais e numerosos, a empola de Crookes é hoje um precioso instrumento médico: sob a influência dos ultra-violetas que espalha curam-se diversas afecções de pele, melhoram-se os tuberculosos e certos tumores.

Se os raios de Roentgen paralisam ou matam os micróbios de certas infecções, quanto mais activas não são as radiações dum fragmento de rádio colocado em frente da região afectada! E a «radioterapia» é com efeito maravilhosa contra o lúpus, as «naevii» ou manchas escuras e rosadas, os tumores benignos. E parece que será um dia capaz de vencer o cancro.

Mas há melhor ainda: os cegos, pelo menos aquêles cuja retina está intacta, são sensíveis aos raios do rádio; o dr. London lembrou-se de projectar, num *ecran* iluminado pelo rádio, linhas, letras, desenhos de objectos usuais — e os desgraçados doentes «viam pela primeira vez com os olhos» as coisas que até então não tinham conhecido senão pelo toque e gosavam duma alegria imensa... A luz invisível fará um dia o milagre de dar vista aos cegos?

Descanço das farmácias

Está aberta no próximo domingo a farmácia Dias Machado.

Federação das Associações Operárias de Guimarães

Na última terça-feira, pelas 20 horas, efectuou-se a reunião semanal da Federação das Associações Operárias, presidindo o delegado dos Alfaiates e Costureiras, secretariado pelos delegados dos Marceneiros e Cortidores e Surradores.

Usando da palavra o delegado da Indústria Textil refere-se à crise dos operários Cortidores e Surradores, lamenta o proceder da Associação dos Cortidores em ir tratar de abrir uma subscrição, segundo noticias da «Alvorada» e «Primeiro de Janeiro», sem primeiro se servir do auxilio moral e material que a Federação já lhe tinha oferecido, em uma assemblea federal anterior, declarando, nessa ocasião, o delegado da mesma não aceitar e agradecendo esse oferecimento disse que o aceitaria em ocasião mais oportuna.

O delegado dos Cortidores e Surradores diz que a sua Associação ainda não lançou mão de qualquer meio para socorrer os associados, mas logo que trate desse assunto aproveitará o oferecimento da Federação. Sobre a subscrição o mesmo delegado informa que é de meia duzia de seus companheiros.

Officio da Associação dos Empregados de Comércio em resposta a um que a Junta Federal lhe enviou, prometendo nomear breve os seus delegados. Usaram da palavra alguns delegados sobre o assunto do officio, resolvendo tomá-lo na devida consideração.

Pelos diversos delegados foi debatida a carestia do milho bem como dos géneros de primeira necessidade, sendo resolvido levar a efeito sessões de propaganda e um comício público em ocasião oportuna.

A próxima assemblea federal realisa-se na sede dos Cortidores e Surradores.

Dr. João de Meira

Com 32 anos de idade faleceu hoje, pelas 10 horas da manhã, na freguesia de Gominhões, depois de prolongados sofrimentos, o sr. dr. João de Meira, lente da Escola Médica do Pôrto, filho do sr. dr. Joaquim José de Meira e irmão do sr. dr. Gonçalo de Meira.

O dr. João de Meira, que concluiu o seu curso em 1907, foi nomeado lente substituto da secção cirúrgica, em 7 de Maio de 1908, tomando posse no dia 14 do mesmo mês; por decreto de 22 de Fevereiro de 1911, foi colocado no lugar de professor ordinário de 3.ª classe «Farmacologia e Ciências naturais»; regia ultimamente a cadeira de Medicina legal, estando a seu cargo a direcção da «morgue».

A sua dissertação inaugural intitulava-se: «O concelho de Guimarães, Estudo de demografia e nosografia»; e a dissertação do concurso: «O parto cesáreo, sua história, sua técnica, seus accidentes e complicações, suas indicações e prognósticos».

Foi colaborador assíduo do extinto semanário local o «Independente», da «Revista de Guimarães», da «Gazeta dos Hospitais», dos «Arquivos da Medicina Portuguesa» e doutras revistas scientificas.

Era casado com a sr.ª D. Virginia Baptista Sampaio, cunhado dos srs. João Artur Baptista Sampaio e Alberto Margaride.

A toda a família o nosso profundo pesar.

REPORTAGEM

O «Diário do Governo» publicou uma portaria louvando os corpos gerentes da Cantina Escolar Vimaranesse, pelo bom êxito que para a mesma têm contribuido.

JÁ foram retiradas as grades que circundavam o padrão da Oliveira.

ENCONTRA-SE algo incomodado o sr. dr. Alberto Rodrigues. Estimamos-lhe rápidas melhoras.

A fim de tratar de diversos assuntos relativos à Misericórdia, desta cidade, estiveram em Braga conferenciando com o sr. governador civil, os srs. António Pereira da Silva, João Abreu e Albano Pires de Sousa, membros da Comissão Administrativa da mesma, e Guilhermino Alberto Rodrigues, administrador do concelho.

PARTIU para o Brasil o sr. Eduardo Xavier Ferreira.

O jornalista Vicente Braga, professor de ensino livre, trabalha activamente para a fundação da Associação dos Jornalistas de Braga.

Os seus estatutos veem sendo publicados no «Comércio do Minho» e vão ser enviados a todos os jornalistas do distrito.

A segunda prestação da contribuição industrial e a terceira predial, devem ser satisfeitas até ao fim do corrente mês, sob pena de relaxe.

FOI nomeado para presidir aos exames de 5.ª classe que se realizam no próximo mês de Outubro, no liceu nacional desta cidade, o sr. Luis Filipe de Lencastre Schwalbach Lucci, professor do Liceu Central de Pedro Nunes, de Lisboa.

DA Póvoa de Varzim, onde está a banhos, regressa a esta cidade por toda a próxima semana, o director deste semanário sr. A. L. de Carvalho.

NA reunião do Centro Republicano Bracarense, realizada no dia 21 do corrente, foi resolvido seguir a politica do estadista Afonso Costa.

SEGUNDO nos informam as autoridades locais estão resolvidas a não deixar apregoar a sardinha, evitando assim o barulho ensurdecedor que em tal caso costumavam fazer.

ENCONTRA-SE nas suas propriedades de Inhas o sr. Francisco Ribeiro Guimarães, proprietário da Fábrica de Instrumentos de Música, do Pôrto.

ESTEVE ultimamente em Braga o illustre poeta Guerra Junqueiro, ministro de Portugal em Berne.

AS Associações Fúnebre Familiar Operária Vimaranesse, Fabricantes de Calçado, Alfaiates e Costureiras, Quatro Artes de Construção Civil e Indústria Textil, mudam a sua sede para a rua da República, na próxima segunda feira, ficando todas instaladas no mesmo edificio.

ESTÁ bastante doente o filho mais velho do sr. Jerónimo Sampaio.

DOMINGO dará a Empresa do Cinematógrafo «Central Chantecler» duas surpreendentes sessões.

ESTEVE bastante animado o espectáculo e *soirée* que um grupo de aquistas, actualmente em banhos na povoação das Taipas, promoveu sábado passado no Grande Hotel Vilas.

Pela Policia

Devido a muitas queixas de roubos de galinhas que ultimamente se tem dado nesta cidade, encontram-se detidos para averiguações os conhecidos gatunos, José da Costa, o «Catrimamas», João da Silva, o «Mira» e Felicidade de Jesus a «Ventura».

Encontram-se também detidos para averiguações António Dias, o «Mano» e António de Abreu, o «Racha».

A requisição do sr. administrador do concelho de Famalicão, foi préso nesta cidade José Bastos Ribeiro e um seu filho, menor, de nome José. Foram acompanhados pelo agente de policia Macedo.

De Aveiro regressou a esta cidade o chefe da policia sr. Fausto Rebelo, que ali fôra tratar duma diligência importante que se prende ainda com o roubo ao sr. José Sampaio, por ocasião das Festas Gualterianas.



Casa Penhorista Vimaranesse

FUNDADA EM 1880

Rua da República, 144

GUIMARÃES

A VISO

Leilão de penhores

De harmonia com o decreto de 1 de Outubro de 1900 se faz público que no dia 19 de Outubro e seguintes, pelas 9 horas e na sede desta casa, se há de proceder à arrematação de todos os objectos depositados, que por falta de pagamento dos juros respectivos se consideram abandonados.

Previnem-se, portanto, os srs. mutuários que, em virtude do art. 13.º das Condições dos Contractos, o prazo para o pagamento dos juros em débito terminará no dia 14 do referido mês.

Guimarães, 10 de Setembro de 1913.

Os Proprietários, Peixoto & Rocha.

VENDE-SE

Um pequeno coupé em estado de novo. Para ver: «Vila Eva» — Loredelo.

Em Vizela

Aluga-se uma casa de dois andares, com mobilia, na rua Dr. Pereira Caldas, n.º 52; tem seis janelas de frente e pavimento térreo, próprio para qualquer negócio, pelo aluguer de oitenta mil reis por ano.

Pode ver-se todos os dias.

EDITAL

2.ª Publicação

Cidadao Guilhermino Alberto Rodrigues, Administrador do Concelho de Guimarães:

Faz saber que António José Pereira de Lima, proprietário, da freguesia de Creixomil, deste concelho, apresentou nesta administração um requerimento pedindo concessão de licença para o estabelecimento duma fabrica de tecidos num terreno situado no lugar do Arquinho, da freguesia de Urgez.

Dentro da referida fabrica será instalado o seguinte:

«Uma máquina de vapor tipo Compound horizontal com condensação da força normal de oitenta cavalos nominais; uma caldeira tipo Loncashine horizontal com pressão 10,6 quilos por centimetro quadrado, e bem assim os respectivos teares e mais acessórios.

Este estabelecimento acha-se incluído na segunda classe da tabela anexa ao Decreto de 21 de Outubro de 1863, com a indicação dos seguintes inconvenientes:

«Fumo, perigo de explosão e incêndio e incómodo causado pela builha dos teares».

São, por isso, convidadas as autoridades públicas, os chefes e agentes de quaisquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas, a reclamar por escrito, no prazo de trinta dias a contar da data da publicação do presente edital, se quizerem opôr-se à concessão da requerida licença; e, findo que seja aquele prazo, não havendo reclamação alguma, seguirá o processo os seus devidos termos.

Para constar se passou o presente edital e outros de igual teor, que serão afixados nos lugares indicados no § 1.º do art.º 6.º do decreto acima citado.

Administração do concelho de Guimarães, 16 de Setembro de 1913. E eu Manuel de Freitas Aguiar, Secretário, o subscrevi.

Guilhermino Alberto Rodrigues.

Venda de predio

Vende-se a morada de casas em ruínas, situada com o numero 63 na antiga rua de Santa Maria, hoje de Elias Garcia, desta cidade.

Para tratar com o solicitador Jeronimo de Castro, rua da República 28—1 Guimarães.

Horário dos comboios

Ascendentes

ESTAÇÕES		* Rápido		* Diária	* Correo		* Domingos e dias fer.
		Diário	Dias úteis		Diário	Dias úteis	
Linha de Guimarães	FAFE	P. 3,00	7,15		12,28	16,05	20,23
	Guimarães	C. 3,53	8,08		13,21	16,58	21,19
	"	P. 4,01	8,16	10,49	13,29	17,07	21,30
	Vizela	P. 4,21	8,33	11,13	13,49	17,30	21,50
	Lordelo	P. 4,33	8,43	11,25	14,00	17,42	22,01
	Negrellos	P. 4,47	8,54	11,41	14,14	17,57	22,13
Linha do Minho	Santo Tirso	P. 5,08	9,13	12,02	14,35	18,19	22,33
	Trofa	C. 5,27	9,30	12,25	14,54	18,39	22,52
L. da	Valença	P. 3,23	6	7,55	13,20	15,25	16,40
	Viana	P. 5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19
	Braga	P. 6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04
	TROFA	P. 7,39	9,44	12,41	15,34	18,37	21,47
	Porto	C. 8,66	10,30	13,22	16,39	19,56	23,08
	L. da	Trofa	P. 5,51	9,46		15,05	19,58
Braga		C. 7,44	11,15		15,58	21,29	
Viana		C. 8,31	11,47		16,26	22,33	
Valença		C. 10,50	13,19		17,31	22,33	
Norte	POVOA	C. 8,51	13,54		17,20	22,10	
	Porto	P. 8,35			15,48	17,54	19,57
	Lisboa	C. 14,31			1,13	23,53	6,25

Descendentes

ESTAÇÕES		* Rápido		* Diária	* Correo		* Domingos e dias fer.
		Diário	Dias úteis		Diário	Dias úteis	
Norte	Lisboa	P. 18,55		21,35	21,35	8,30	
	Porto	C. 0,32		7,35	7,56	14,19	
L. do Minho	Porto	P. 4,30	7,26	7,44	8,43	14,18	17,10
	Trofa	C. 5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50
	Trofa	P. 5,51		8,36	9,46	15,05	17,52
	Braga	C. 7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58
	Viana	C. 8,31		10,25	11,47	16,26	19,20
	Valença	C. 10,50		13,19	17,31		0,17
L. da	POVOA	P. 8,63		13,35		16,35	16,35
L. de Guimarães	TROFA	P. 6,35	8,11	8,47	9,58	16,10	18,00
	Santo Tirso	P. 6,57	8,31	9,11	10,20	16,35	18,18
	Negrellos	P. 7,18	8,54	9,29	10,41	16,56	18,35
	Lordelo	P. 7,33	9,08	9,41	10,54	17,11	18,46
	Vizela	P. 7,48	9,24	9,54	11,08	17,26	18,58
	Guimarães	C. 8,07	9,44	10,12	11,27	17,44	19,14
	FAFE	P. 8,17		10,17	11,34	17,52	21,36
			11,13	12,28	18,47	22,32	

* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha e Cepães.
 ◊ Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
 + Idem em Madalena, Covas e Cepães.
 ● Idem em Espinho, Madalena e Covas.
 ●● Idem em Cepães.
 As designações no xadrez das colunas referem-se aos comboios de Guimarães, exclusivamente. Os comboios da Póvoa são diários.
 As comunicações com Lisboa fazem-se em Campanhã.

Livraria editora GUIMARÃES & C.ª

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A dama das Caméllas, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um belo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Muret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis))

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

Instituto Médico-Dentario

Rua Formosa, 331—PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR LOPES DA SILVA cirurgião-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentario de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS

(TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA PLATINA E CIMENTO DENTES A PIVOT OPERAÇÕES SEM DOR
 OBTURAÇÕES A OURO COROAS DE OURO LIMPEZA DOS DENTES

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga mercearia e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, frutas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial. Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde.

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

Interesses no Brazil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ào Cidadão